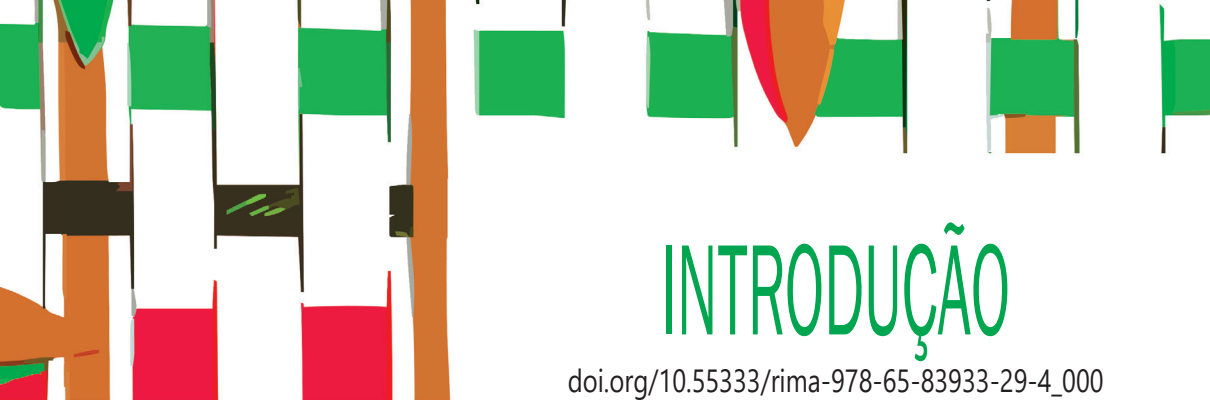




INTRODUÇÃO

doi.org/10.55333/rima-978-65-83933-29-4_000

POR UM NOVO DIÁLOGO GLOBAL E REGIONAL SOBRE A POTÊNCIA E OS DESAFIOS DA AMAZÔNIA

Este livro reúne um conjunto de reflexões e pesquisas que mergulham na profundidade dos desafios e das potencialidades amazônicas. Partindo da premissa de que não há futuro sustentável sem o protagonismo dos povos da floresta, os capítulos aqui apresentados exploram a riqueza das cosmovisões amazônicas e dos conhecimentos ancestrais como fundamentos indispensáveis para a justiça climática. Argumenta-se que a sabedoria tradicional, forjada ao longo de milênios de convivência simbiótica com a natureza, oferece não apenas uma base ética, mas soluções práticas e eficazes para a regeneração dos ecossistemas.

A trigésima Conferência das Partes (COP30) da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudança do Clima (UNFCCC), a ser realizada em Belém, no estado do Pará, em novembro de 2025, vai além de um mero evento simbólico, configurando-se como uma pauta de relevância nacional para o ano de 2025. A escolha de sediar o mais significativo fórum global de negociação climática no cerne da Amazônia representa uma alteração geopolítica de cunho fundamental – especialmente para as expectativas da região amazônica e para toda a população brasileira.

Por inúmeras décadas, os debates sobre o clima foram predominantemente conduzidos nos centros de poder do Norte Global. Nesses contextos, a floresta era frequentemente simplificada a uma abstração, reduzida a um conjunto de dados sobre sequestro de carbono ou vista como um mero objeto de políticas de conservação formuladas à distância, sem a real compreensão de sua complexidade e da vida que nela pulsa. A COP30 em Belém impõe um confronto direto entre a linguagem da diplomacia internacional, por vezes interpretada como asséptica e descolada da realidade, e a

materialidade intrínseca, a dimensão social e a profundidade espiritual da floresta e de seus povos originários e tradicionais.

Este evento não se restringe a uma conferência sobre a Amazônia; é, sobretudo, um chamado imperativo para que o mundo inteiro aprenda com a Amazônia. Trata-se de um reposicionamento estratégico que eleva a região de uma periferia geopolítica a um centro irradiador de soluções globais para os desafios contemporâneos. A Amazônia, considerada o coração pulsante do planeta e o epicentro inquestionável dos debates cruciais sobre o futuro climático da humanidade, encontra-se hoje em uma encruzilhada histórica. Longe de ser apenas um vasto reservatório de recursos naturais, a região amazônica é um mosaico intrincado e riquíssimo de ecossistemas diversificados, de culturas ancestrais e de saberes milenares que detêm a chave para a edificação de um novo paradigma civilizatório. No contexto urgente da emergência climática global e às vésperas de sediar a 30ª Conferência das Partes (COP30), a maior floresta tropical do mundo emerge como uma voz poderosa, convocando a humanidade a uma profunda reavaliação de seus modelos de desenvolvimento. Propõe-se, assim, a exploração de caminhos inovadores que harmonizem de forma indissociável a conservação ambiental rigorosa, a justiça social equitativa e a inovação tecnológica sustentável.

Este volume parte da premissa de que a Amazônia não é um mero reservatório de recursos naturais a ser explorado ou um santuário intocado a ser isolado. Pelo contrário, é um mosaico complexo de ecossistemas, culturas e saberes que detêm a chave para a construção de um novo paradigma de desenvolvimento. Longe de ser um “vazio demográfico”, como concebido pela cartografia colonial, a região é um território profundamente humanizado, moldado ao longo de milênios por uma pluralidade de povos indígenas e comunidades tradicionais que desenvolveram formas sofisticadas de convivência com o meio. É a partir do reconhecimento desse protagonismo que se pode vislumbrar um futuro que integre conservação ambiental, justiça social e inovação tecnológica de forma genuína.

As páginas que se seguem são, portanto, um convite a uma imersão crítica e propositiva na Amazônia contemporânea. Mais do que um diagnóstico das ameaças que a assolam, esta obra é um chamado à ação, um argumento articulado em oito capítulos que defendem que o futuro da região — e, por extensão, do planeta — depende da nossa capacidade de escutar suas vozes, valorizar seus saberes e construir, coletivamente, um modelo de desenvolvimento que celebre a vida em toda a sua diversidade. Este livro é uma intervenção direta no debate climático, oferecendo análises e propostas que buscam responder à convocação que a própria floresta faz à humanidade: a de repensar radicalmente seus modelos de desenvolvimento em face da emergência climática.

A superação da crise climática exige mais do que ajustes tecnológicos ou econômicos; demanda profunda reavaliação das premissas filosóficas que sustentam a relação da modernidade ocidental com o mundo natural. O paradigma dominante, fundamentado em uma separação ontológica radical entre natureza e cultura, concebe o mundo não humano como um objeto passivo, um estoque de recursos a ser gerenciado, explorado e, em última instância, dominado. Este livro argumenta que as cosmovisões dos povos amazônicos oferecem um contraponto poderoso e necessário a essa visão de mundo, apresentando não apenas uma base ética alternativa, mas um conjunto de práticas e conhecimentos que constituem verdadeiras ciências da sustentabilidade. Essa abordagem relacional se traduz em resultados de conservação empiricamente verificáveis.

Estudos demonstram consistentemente que os territórios indígenas e tradicionais apresentam, em média, níveis de preservação ambiental superiores aos de áreas sob controle estatal convencional, como parques nacionais. Essa eficácia não deriva de uma suposta inércia cultural, mas de sistemas de conhecimento complexos que integram observação empírica, espiritualidade e normas sociais para regular o uso dos recursos. A lógica do perspectivismo multinaturalista, na qual não humanos são vistos como sujeitos que percebem a si mesmos como “humanos” a partir de seus próprios corpos e perspectivas, implica uma ética radical de alteridade e respeito que impede a exploração predatória. A caça, a pesca e a agricultura não são meros atos de extração, mas interações sociais e simbólicas com outros seres que demandam permissão e moderação. É a partir dessa base ontológica que o conceito de justiça climática adquire sua dimensão mais profunda.

Como argumentado no primeiro capítulo, a justiça climática não se resume à distribuição equitativa dos ônus e bônus da transição energética ou à compensação das populações mais vulneráveis. Ela exige, fundamentalmente, uma justiça epistêmica: o reconhecimento da pluralidade de saberes e experiências como condição para a equidade nas soluções propostas. A inclusão ativa dos povos da floresta nos processos decisórios das políticas ambientais globais não é, portanto, apenas uma demanda moral ou uma concessão política, mas uma necessidade epistemológica e pragmática. A sabedoria tradicional, forjada em uma longa história de adaptação e resiliência, oferece soluções práticas e eficazes para a regeneração dos ecossistemas, constituindo formas sofisticadas de ciência ecológica que foram sistematicamente marginalizadas pelo pensamento colonial. A crise climática, em sua essência, é um produto da ontologia ocidental que objetificou a natureza; as cosmovisões amazônicas, ao proporem um modelo de mundo onde natureza e cultura são inseparáveis, oferecem não apenas uma crítica, mas uma alternativa viável. Ignorá-las não é apenas uma injustiça; é um erro estratégico na busca por um futuro sustentável.

A transição para um futuro sustentável na Amazônia depende da construção de um novo modelo econômico que valorize a floresta em pé e os rios fluindo, gerando prosperidade para seus habitantes sem destruir a base de sua existência. Nesse contexto, a bioeconomia emerge como um conceito central, prometendo alinhar desenvolvimento econômico com conservação ambiental. No entanto, como os capítulos desta obra demonstram, a mera aplicação de lógicas de mercado e modelos de inovação convencionais aos recursos da sociobiodiversidade corre o risco de perpetuar as mesmas dinâmicas de exclusão e extração que historicamente marcaram a região. Uma sociobioeconomia verdadeiramente transformadora deve ser inclusiva, territorializada e decolonial.

A Amazônia, um epicentro de biodiversidade e cultura, encontra-se em um momento crucial de sua história, confrontada com o imperativo de transitar para um modelo de desenvolvimento verdadeiramente sustentável. Este novo paradigma econômico deve necessariamente valorizar a floresta em pé e os rios fluindo, reconhecendo-os não como meros recursos a serem explorados, mas como a própria base da prosperidade e existência de seus povos. É nesse cenário complexo que a bioeconomia emerge como um conceito central, prometendo uma harmonização antes inatingível entre o desenvolvimento econômico e a conservação ambiental. No entanto, uma análise mais aprofundada, como os capítulos desta obra trazem, revela uma armadilha potencial: a simples transposição de lógicas de mercado convencionais e modelos de inovação padronizados para os recursos inestimáveis da sociobiodiversidade amazônica. Tal abordagem, se não for cuidadosamente calibrada, corre o risco de replicar e perpetuar as mesmas dinâmicas históricas de exclusão social e extração insustentável que há séculos marcam a região, aprofundando as desigualdades e comprometendo a integridade ecológica.

Diante disso, torna-se imperativo que qualquer iniciativa bioeconômica na Amazônia seja moldada por princípios de inclusão, territorialização e descolonialidade. Uma sociobioeconomia verdadeiramente transformadora não pode prescindir da participação ativa e do protagonismo das comunidades locais e dos povos tradicionais, que são os guardiões milenares do conhecimento e da biodiversidade amazônica. Ela deve ser intrinsecamente ligada às realidades e necessidades de cada território, respeitando suas especificidades culturais, ecológicas e econômicas. Além disso, é fundamental que se liberte das amarras de paradigmas de desenvolvimento exógenos e colonialistas, que historicamente impuseram soluções de cima para baixo, desconsiderando as sabedorias e práticas locais.

Este livro, em sua essência, propõe um olhar aprofundado e multifacetado sobre a Região Norte do Brasil. Mais do que uma mera divisão geográfica, a Amazônia é um território de superlativos e contradições vivas. Detentora da maior floresta tropical

do planeta, que desempenha um papel insubstituível na regulação climática global, e berço de uma inestimável riqueza sociocultural, expressa na diversidade de seus povos, línguas e tradições, a Amazônia é, paradoxalmente, palco de desafios históricos que persistem em limitar seu desenvolvimento pleno e sustentável. Questões como a concentração fundiária, a violência contra os defensores da floresta, a precariedade dos serviços básicos e a exploração ilegal de recursos continuam a assolar a região, impondo barreiras significativas ao seu progresso.

Ao reunir análises críticas sobre uma gama diversificada de temas — desde as profundas disparidades socioeconômicas e a intrincada questão racial, que permeia todas as camadas da sociedade amazônica, até a urgente proteção da biodiversidade e os desafios da sustentabilidade corporativa — esta obra se propõe a ir além do mero diagnóstico de velhos e conhecidos problemas. Seu objetivo primordial é apontar para novos caminhos e perspectivas, oferecendo subsídios para a construção de soluções inovadoras e contextualmente relevantes que possam, de fato, conduzir a Amazônia a um futuro de prosperidade compartilhada e conservação duradoura. Isso implica repensar as relações entre natureza e sociedade, entre economia e ecologia, e entre conhecimento científico e saberes tradicionais, pavimentando o caminho para uma Amazônia que seja, ao mesmo tempo, pujante economicamente, justa socialmente e equilibrada ambientalmente.

Apresentamos, aqui, também, a síntese conectiva dos textos deste livro. O autor Diego Leonardo de Souza Fonseca analisa o papel dos conhecimentos tradicionais dos povos da floresta como base para alternativas sustentáveis na Amazônia. O capítulo argumenta que esses saberes, historicamente marginalizados, são fundamentais para a conservação da biodiversidade e o enfrentamento da crise climática. Discute-se a necessidade de reconhecimento legal e integração desses conhecimentos em políticas públicas, posicionando a COP30 como uma oportunidade para dar protagonismo a esses povos na governança climática global.

Rosinete Magalhães de Souza e Filipe do Carmo da Silva propõem uma abordagem alternativa para o desenvolvimento amazônico, criticando os modelos tradicionais de exploração. O texto destaca iniciativas de bioeconomia regenerativa, tecnologias sociais e empreendedorismo comunitário que respeitam a diversidade ecológica e cultural da região. Defende a “ecologia de saberes” como base para articular redes colaborativas entre comunidades, universidades e gestores públicos, visando a um futuro mais justo e resiliente para a Amazônia.

O capítulo de autoria de Marília Dione Salvador Shibayama e colaboradores oferece um panorama sobre as tecnologias renováveis na Amazônia. A pesquisa analisa dados de patentes verdes, indicações geográficas e financiamentos para inovações sustentáveis, identificando uma lacuna no desenvolvimento tecnológico da região em

comparação com o restante do Brasil. Conclui que um melhor gerenciamento de investimentos e políticas públicas é necessário para ampliar a geração de energia limpa e melhorar as condições de vida na Amazônia.

André da Costa Leite e coautores analisam a distribuição de instrumentos de propriedade industrial (patentes verdes, marcas e Indicações Geográficas) com foco na Amazônia Legal. Os resultados mostram que, apesar do potencial da região, sua participação nesses instrumentos é limitada em comparação com outras áreas do Brasil. O estudo sugere que o fortalecimento de capacidades regionais e o investimento em C,T&I são essenciais para impulsionar um modelo de desenvolvimento sustentável e inclusivo.

Cleidiane Facundes Monteiro, Darlen Raquel dos Santos Maia e Lilian Cristiani Damasceno Carneiro discutem como a educação científica, tecnológica e ambiental pode formar comunidades protagonistas no Amapá para enfrentar as mudanças climáticas. O capítulo aponta a necessidade de integrar saberes científicos e tradicionais em práticas educacionais para fortalecer a capacidade de atuação de jovens e lideranças locais. Propõe diretrizes para posicionar o estado como um exemplo de conservação e inovação no contexto da COP30.

Andréia Cristina Galina, Célia Regina Simonetti Barbalho e Mateus Rebouças Nascimento analisam a produção acadêmica brasileira que articula conhecimentos tradicionais e a questão energética. Mapeando teses e dissertações, o estudo revela uma concentração de pesquisas nas regiões Sudeste e Nordeste e a predominância de temas como “mudanças climáticas” e “povos tradicionais”. A conclusão destaca a importância de abordagens interdisciplinares para a transição energética.

Karoline Greice Viana Cardoso da Silva e Vinicius Santos da Silva analisam as patentes de bioinovação depositadas por universidades públicas da Região Norte. A pesquisa identificou 719 patentes, das quais 244 são bioinovadoras. Constatou-se que, embora haja parcerias diversas, nenhuma universidade investigada possui patente em cotitularidade com cooperativas de economia solidária, revelando a necessidade de maior inclusão das comunidades tradicionais no desenvolvimento de produtos e processos bioinovadores.

Dirlene Ferreira da Silva e Débora Erileia Pedrotti analisam como os currículos de cursos técnicos integrados ao ensino médio de uma instituição federal na Amazônia Paraense abordam a conservação dos recursos hídricos e a saúde. A pesquisa observa que os temas ligados à saúde aparecem com mais frequência do que os relacionados aos recursos hídricos e destaca a necessidade de integrar esses assuntos de forma mais consistente para fortalecer a consciência ambiental e sanitária dos estudantes.

Em seu conjunto, este livro oferece uma contribuição essencial para repensar o futuro da Amazônia. Ao conectar temas aparentemente distintos, revela a indissocia-

bilidade entre proteção ambiental, justiça social, inovação e governança. Trata-se de um convite à reflexão crítica e à construção de um novo pacto para a região, em que a valorização de suas gentes e de seus ecossistemas seja o verdadeiro motor de um desenvolvimento equitativo e duradouro. Este livro é mais do que um diagnóstico; é um chamado à ação. As propostas aqui contidas dialogam diretamente com as demandas da sociedade civil para a COP30, que incluem a demarcação de territórios, a garantia de uma transição energética justa e popular, e o fomento a sistemas alimentares baseados na agroecologia e na soberania alimentar.

Acreditamos que o futuro da Amazônia, e consequentemente do equilíbrio climático global, depende da nossa capacidade coletiva de transformar essas demandas em políticas concretas. A floresta não é um problema a ser resolvido, mas uma fonte de soluções a ser escutada. Que as reflexões contidas nestas páginas inspirem a coragem e a sabedoria necessárias para construir um modelo de desenvolvimento que, finalmente, celebre a vida em toda a sua imensa e sagrada diversidade.

Em sua totalidade, oferece uma contribuição substancial para a redefinição do futuro da Amazônia. Ao interconectar temáticas aparentemente díspares, evidencia-se a intrínseca relação entre a salvaguarda ambiental, a equidade social, a inovação e a governança. Constitui-se, assim, em um convite à reflexão crítica e à edificação de um novo pacto para a região, no qual a valorização de suas populações e de seus ecossistemas se configure como o verdadeiro propulsor de um desenvolvimento equitativo e sustentável. Mais do que um mero diagnóstico, esta obra configura-se como um premente chamado à ação. As proposições aqui delineadas convergem diretamente com as reivindicações da sociedade civil para a COP30, as quais abrangem a demarcação de territórios, a garantia de uma transição energética justa e inclusiva, e o incentivo a sistemas alimentares fundamentados na agroecologia e na soberania alimentar.

Confiemos que o porvir da Amazônia, e, por conseguinte, do equilíbrio climático global, reside em nossa capacidade coletiva de materializar tais demandas em políticas concretas. A floresta não deve ser percebida como um problema a ser solucionado, mas sim como uma fonte inesgotável de soluções a serem acolhidas. Que as reflexões contidas nestas páginas inspirem a coragem e a perspicácia necessárias para edificar um modelo de desenvolvimento que, finalmente, celebre a vida em toda a sua vasta diversidade.

Como dissemos, sua abordagem, que interconecta temáticas aparentemente díspares, como a proteção ambiental, a justiça social, a inovação e a governança, revela a indissociabilidade dessas dimensões para a construção de um futuro equitativo e duradouro na região. Este pacto deve ser fundamentado na valorização intrínseca das populações amazônicas e de seus ecossistemas, reconhecendo-os como o verdadeiro motor de um desenvolvimento que seja verdadeiramente sustentável e inclusivo.

As proposições contidas nesta obra dialogam diretamente com as demandas prementes da sociedade civil, especialmente no contexto da COP30. Dentre essas reivindicações cruciais, destacam-se a demarcação inegociável de territórios indígenas e de comunidades tradicionais, a garantia de uma transição energética justa e popular que beneficie a todos, e o fomento robusto a sistemas alimentares baseados nos princípios da agroecologia e da soberania alimentar.

Acreditamos firmemente que o porvir da Amazônia, e, conseqüentemente, o equilíbrio climático global, dependem intrinsecamente da nossa capacidade coletiva de transformar essas demandas em políticas públicas concretas e eficazes. É imperativo mudar a percepção comum: a floresta amazônica não deve ser encarada como um problema a ser solucionado, mas sim como uma fonte inesgotável de soluções, sabedoria ancestral e recursos vitais que devem ser escutados, respeitados e protegidos. Que as reflexões meticulosamente elaboradas nestas páginas sirvam de inspiração para a coragem e a perspicácia necessárias para edificar um modelo de desenvolvimento que, em sua essência, celebre a vida em toda a sua imensa e sagrada diversidade, garantindo um futuro próspero e equilibrado para as próximas gerações.

Os organizadores